

Ensaaios sobre Metodologia do Ensino Superior: com a voz o estudante

Os ensaios desta edição da revista eletrônica **Educação Por Escrito** são frutos de uma vivência experienciada em sala de aula, na disciplina de Metodologia do Ensino Superior do Programa de Pós-Graduação em Educação. Esta disciplina é aberta no programa para todos os alunos das mais variadas Unidades e tipos de formação da Universidade (PUCRS), o que transformou nossa convivência num produtivo e interessante diálogo interdisciplinar em que as experiências de uns enriqueciam a construção de saberes de outros. Nesse sentido, centrou-se as discussões e estudos em referenciais que circunscrevem a gestão de uma sala de aula na educação superior em diálogo com a experiência profissional docente, contribuindo para o aperfeiçoamento da docência universitária e para o desenvolvimento da identidade profissional do professor. Consequência deste processo desenvolvido ao longo do primeiro semestre de 2015, foi o espaço de reflexão sobre Ser Professor no Ensino Superior na contemporaneidade, contemplando o compromisso da educação superior com a formação humana e profissional e com a construção de uma sociedade justa e solidária. A produção escrita dos alunos desta turma representa uma forma peculiar de cada um narrar o processo educativo em contextos de ensino superior e, ao fazê-lo, narrarem-se a si mesmos numa perspectiva de docentes universitários. Com satisfação de ter sido professora deles, recomendo esta leitura para deleite e fruição...

Editora

Maria Inês Côrte Vitória
PUCRS, RS, Brasil

Equipe Editorial

Pricila Kohls dos Santos
PUCRS, RS, Brasil
Marcelo Oliveira da Silva
PUCRS, RS, Brasil
Carla Spagnolo
PUCRS, RS, Brasil
Rosa Maria Rigo
PUCRS, RS, Brasil

Maria Inês Côrte Vitória

Organizadora

ISSN 2179-8435



Este artigo está licenciado sob forma de uma licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a publicação original seja corretamente citada.

http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR

O ensino superior em tempos de cólera

Marcelo Comerlato Scottá

Trinta anos após o final do regime militar, a sociedade brasileira encontra-se politicamente mais polarizada do que nunca. O país vive uma espécie de Guerra Fria atrasada, com blocos simpatizantes da esquerda e da direita se enfrentando em uma batalha de ideias, ou em alguns casos até mesmo fisicamente, potencializada em muito pelas atuais facilidades de comunicação e o fenômeno das redes sociais. Cada “bloco” busca ressaltar as contradições do outro, que normalmente não são poucas. Acusam os adversários de fundamentalistas e de incitarem o ódio. Criticam ditaduras, mas relativizam os atos da ditadura a qual são politicamente alinhados. Criticam a corrupção, mas também justificam a corrupção em certas ocasiões. As eleições ocorridas em 2014 no Brasil foram o ápice desta polarização. Debates acalorados ocorreram, amizades se desfizeram ou ficaram arranhadas. As redes sociais se tornaram um verdadeiro campo de batalha. As discussões são baseadas em um passionalismo como ocorre com torcedores de times de futebol rivais após uma partida. Seria no âmbito futebolístico que o brasileiro pós-ditadura aprendeu a debater e agora transporta esta dialética simplória para questões políticas mais relevantes?

Em 2015, o cenário persiste. Ativistas sociais e membros de algumas correntes religiosas persistem constantemente em conflito. A eleição brasileira parece persistir em uma espécie de terceiro turno. Preocupantemente começam a ocorrer com mais frequência atos de intolerância religiosa em um país tradicionalmente tolerante neste aspecto. O que está ocorrendo? Seria a imaturidade política do povo brasileiro responsável por este cenário de tensão? Ou seria este maniqueísmo um sintoma de amadurecimento a discussão de tais temas, mas ainda sem a capacidade de se separar as divergências de ideias de ofensas pessoais?

Talvez estes fatores associados à conjuntura nacional expliquem apenas parcialmente o cenário. O mundo também vive um cenário não muito distinto. O avanço de um grupo terrorista como o autodenominado “estado islâmico”, a tensão e violência racial nos Estados Unidos e o reforço de grupos neonazistas na Europa são apenas alguns exemplos de que a intolerância não se restringe ao cenário nacional. Afinal, o que está ocorrendo?

A interpretação desta conjuntura não parece ser simples, mas um fato não pode ser omitido desta análise. Estamos vivendo um período de grandes transformações tecnológicas, sociais e políticas nas últimas décadas que não tem paralelo em outros períodos da história, como se estivéssemos no olho de um furacão. Em um período de mudanças, onde paradigmas são quebrados, a aparente maior liberdade parece deixar a humanidade insegura. Semelhantemente a uma criança que não tem mais os limites do certo e o errado rigidamente definidos pelos pais, a súbita “liberdade”

causa angústia. A humanidade do século 21 parece estar na adolescência. Perdeu os limites anteriormente impostos e ainda não conseguiu estabelecer a própria identidade. A necessidade de ter um propósito de vida ou uma causa para defender em um momento de transformações e de muitas opções de escolha torna o ser humano do século 21 especialmente vulnerável a um considerável perigo: o pensamento fundamentalista.

O pensamento fundamentalista, que é a antítese do pensamento científico, apresenta verdades absolutas, verdades estas que respondem prontamente praticamente todas as dúvidas e angústias da humanidade através de doutrinas. O fundamentalista consiste em um indivíduo que, por considerar que conhece a “verdade”, deve difundi-la e, muitas vezes, impô-la. Uma espécie de “fins justificam os meios”. Com base nesta linha de raciocínio, muitos foram assassinados em prol de um suposto bem maior como o comunismo, nazismo ou diversas expressões de fanatismo religioso. O fundamentalista se considera um visionário que deve defender o “bem”. Entretanto, muitas vezes comete mais ações “más” do que o mal que julga combater. Como diria Friedrich Nietzsche, “Quando você olha muito tempo para um abismo, o abismo olha para você”.

Este é um paradoxo da sociedade atual. Mais liberdade e paralelamente mais fundamentalismo e intolerância. O presidente norte-americano Barack Obama e o Papa Francisco parecem pequenas gotas de bom senso em um mar de irracionalidade.

Em um contexto como este, a Universidade apresenta papel fundamental. Além de ser no círculo universitários que tiveram início boa parte das recentes grandes mudanças da humanidade, é na Universidade que podemos estimular o pensamento científico, não dogmático e questionador, associado a princípios sólidos de respeito ao ser humano e suas liberdades e direitos individuais. O professor universitário é um importante agente para formar indivíduos questionadores, inovadores e éticos. Indivíduos que reconheçam o caráter impermanente do conhecimento humano e que sejam plenamente conscientes da conjuntura a qual estão vivendo. Em suma, o professor universitário, segundo princípios freireanos independente da área de conhecimento a qual está vinculada, assume uma importância muito maior do que a de um mero transmissor de conhecimento, devendo ser um formador de cidadãos críticos, questionadores, ativos e éticos (FREIRE, 2008).

Referência

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 38. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

O papel do professor

Roger Braun Ledesma

Para questões complexas e profundas como as citadas no questionamento, me pergunto primeiro qual o papel do professor hoje, pois me parece uma questão chave na atual conjuntura. Penso que o papel é da orientação do ensino, de saber ensinar como buscar o conhecimento, pois ele está disponível a qualquer um que tenha acesso a internet, e assim o professor precisa estar atendo a este fato, visto que ele não detém o conhecimento, apenas ensina a pensar de forma crítica e criteriosa sobre o vasto conhecimento disponível.

Ser professor hoje é uma tarefa complicada, bastante complexa e de pouco reconhecimento pelos alunos e sociedade. Precisamos estar sempre atualizados com os novos temas de nossa área e de outras disciplinas para podermos orientar o aluno sempre da melhor forma possível. Devemos estar cientes que o professor trabalha quase em turno integral, pois tem que preparar as aulas e corrigir provas fora do horário normal. Isto faz uma grande diferença, pois a maioria dos professores também trabalha em seus escritórios e em outras áreas fora da sala de aula. Ser professor deveria ser melhor reconhecido em termos de salário, para uma dedicação exclusiva a docência. Claro que temos de pesar que um professor que só tem a teoria e não pratica o que diz no mundo real também tem suas limitações.

Reconheço que estou me tornando um professor mais cauteloso, que não acredita em uma turma perfeita de alunos dedicados e focados. Com a prática, ficamos mais realistas do nosso mundo e assim já sabemos o que esperar de uma determinada turma ao longo do semestre, quais os alunos mais dedicados e os que só estão de corpo presente. Isso nos frustra, mas devemos entender que cada aluno tem a sua história e isso tem que ser levado em consideração.

Em minhas aulas tento mostrar o lado lógico das questões, sua utilidade no mundo atual e na profissão que o aluno irá seguir. Sabemos que o aluno só se interessa por aquilo que lhe seja útil, e mesmo em disciplinas cujo objetivo é somente técnico como calcular tensões em uma barra de aço. Busco versar a sua utilidade na vida profissional mesmo que o aluno depois não vá seguir fazendo esses cálculos na profissão. Isto é uma grande dificuldade, pois tem alunos que simplesmente fazem os cálculos sem nem saber afinal o que estão calculando, sem perceber a realidade.

Espero estar ajudando na formação de profissionais críticos e que tenham a noção do que estão fazendo, auxiliando nas técnicas de cada disciplina, fazendo-os questionar sobre que profissionais estão se tornando, pois a falta de interesse do aluno hoje reflete em sua carreira no futuro.

Ser professor hoje: algumas considerações

Síntia Lúcia Faé Ebert

Incio este ensaio, que discorre sobre ser professor na atualidade, parafraseando Moacir Gadotti (2011). Conforme o referido autor, ser professor hoje não é melhor nem pior do que era antigamente, é diferente. E é com base nisso que é preciso calcar a nossa prática pedagógica, de forma a contribuir para a aprendizagem de alunos que vivem em um mundo de constantes mudanças.

Isso não quer dizer que devemos considerar ultrapassado ou fora de uso algumas velhas metodologias ou bibliografias, descartando o que “por muito tempo deu certo”, mas sim, aprender novas formas de ensinar e de aprender, agregando as novidades que surgem ao que continua dando certo. Um exemplo disso são os referenciais teóricos clássicos, que se somam aos novos teóricos e escritores da modernidade, formando uma grande e valiosa fonte de pesquisa e estudo para professores e alunos.

Enquanto professora no campo da Educação Básica e no Ensino Superior, acredito que ser professor na atualidade é compreender e enfrentar os novos desafios que a profissão nos apresenta, entre eles, os relacionados com os avanços tecnológicos e suas decorrências, que podem gerar conflitos que promovem situações que exigem diálogo e compreensão, um exemplo disso é a “invasão” das redes sociais e dos dispositivos móveis durante as aulas, assunto que foi discutido nas aulas de Metodologia do Ensino Superior.

Nessa perspectiva, é preciso novas atitudes docentes para atender às exigências e necessidades que envolvem os processos de ensino e de aprendizagem, e nesse contexto, é preciso que a ação docente reconheça a importância das novas tecnologias e, conseqüentemente, que o professor passe a utilizá-las como novas ferramentas que servirão de recursos para suas estratégias de ensino, o que nem sempre é tarefa fácil, pois requer do professor estudo e qualificação para saber utilizar essas ferramentas como algo que pode contribuir para sua metodologia de ensino.

Ser professor nos dias atuais requer estar receptível para o novo, quando esse novo pode contribuir para qualificar planejamentos e aulas e para compreender o aluno que temos hoje presente em sala de aula, em sua maioria, sujeitos que vivem imersos em um mundo digital. Portanto, é preciso aproximar a Universidade e a metodologia de ensino aos avanços tecnológicos, sem com isso esquecer a importância da relação professor e aluno, algo que não depende de tecnologias.

Contudo, acredito poder contribuir para a formação de meus alunos qualificando minhas aulas através de uma metodologia que contemple as novidades tecnológicas que diariamente surgem. Ser professor hoje, portanto,

é diferente do que era há anos atrás, mas também é exercer uma profissão que é gratificante e que necessita que o professor esteja aberto para as novas aprendizagens e para as novas formas de ensinar.

Referência

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido**. 2. ed. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2011.

Que tipo de professor eu sou

Wilmar Luiz Barth

Eu não tinha pretensão de torna-me um professor. Na verdade, essa não é a minha verdadeira profissão, visto que me preparei para ser padre e exerci essa profissão durante quatorze anos. Acredito que todos somos professores, afinal, essa profissão consiste em conviver com os outros, ensinando e deixando-se ensinar. É uma atividade que acompanha toda nossa vida e que não se encerra numa sala ou horário determinado. Somos todos professores e alunos, o tempo todo. O que digo torna-se ainda mais verdadeiro quando revelo ser um pai apaixonado de duas meninas de 8 e 6 anos. E quando digo isso você já pode imaginar o que é minha vida. Somos professores o tempo todo.

Mas, na grande escola da vida vamos tecendo nossa trajetória. Ou seria a vida que tece nosso caminho? Desde os meus 17 anos fui convidado a dar aulas e assim acabei chegando à Universidade, onde já estou há 19 anos. Nesta atividade, ter experiência é muito importante, mas não se pode perder o nervosismo inicial e nem a motivação, o desejo de ser um parceiro do aluno, um motivador de conhecimento e, sobretudo, uma segurança. Ser professor, acima de tudo, é ser um apaixonado por pessoas e pelo conhecimento.

Os autores do artigo *Professores Universitários iniciantes: desafios para a docência* foram muito felizes quando afirmaram: “Entendemos que ser professor universitário supõe o domínio dos conhecimentos específicos de seu campo, acompanhado da apropriação do conhecimento que o ajude a ensiná-lo”¹. No entanto, estes autores, assim como eu, questionam a ideia vigente na universidade de que a pesquisa científica qualifica o ensino e esta dela decorre. Pesquisar é extremamente importante e necessário. É uma atividade que não pode faltar para o professor, o aluno e a sala de aula.

Ser professor, conforme fui descobrindo na minha experiência, é ser um *cicerone*, como diriam os italianos, ou seja, alguém que ajuda o outro no seu caminho e torna mais suave o seu fardo e indica as melhores formas de chegar ao destino. O professor, portanto, tem um coração aberto, livre de preconceitos, amável, dócil e amoroso. Manso e humilde e que, no fundo, sabe que é passagem. Assim é que eu imagino ser e é assim que vejo os meus

¹ STIVANIN, Neridiana Fabia; ZANCHET, Beatriz Maria Boéssio Atrib; VIGHI, Cátia Simone Becker; SOUZA, Helena Beatriz Mascarenhas de; CARREÑO, Leidne Sylse de Mello. Professores Universitários iniciantes: desafios para a docência. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO – XV ENDIPE: Convergências e tensões no campo de formação e do trabalho docente: políticas e práticas educacionais. 2010, Belo Horizonte. **Anais ...** Belo Horizonte, 2010. p. 4.

professores. Aliás, durante meus já cinquenta anos só houve dois deles nos quais deixei de frequentar uma sala de aula. Eu considero isso fundamental: o professor não pode deixar de expandir seus conhecimentos através de cursos e da pesquisa. Ocupar o lugar do aluno, se colocar continuamente no seu lugar, desenvolve e mantém a humildade e, especialmente, a consciência do quanto é espinhosa a tarefa do aluno.

Conforme Cunha, “todos os professores foram alunos de outros professores e viveram as mediações de valores e práticas pedagógicas (...) Através delas foram formando e organizando, de forma consciente ou não, seus esquemas cognitivos e afetivos, que acabam dando suporte para a sua futura docência”². Corroboro essa afirmativa, pois alguns de meus antigos mestres ainda vivem em mim, embora mantenha-os sob controle, afinal, algumas de suas práticas não são mais aceitáveis.

O professor precisa dar-se conta da necessidade e importância de inovar suas práticas. Na Universidade isso é muito bem trabalhado através dos cursos de Capacitação Docente realizados anualmente, onde se estudam temas ligados ao exercício da docência e se partilham boas práticas e experiências de colegas. Normalmente nestes cursos são oferecidas palestras de pessoas ligadas ao tema da educação e novos horizontes se abrem para quem lida com este universo. Desta forma penso estar aperfeiçoando minha docência, como afirmam Grillo e Gessinger: “O professor, portanto, necessita fundamentar sua prática nos saberes da docência – saberes científicos, pedagógicos e experienciais –, os quais, em diálogo com os desafios do cotidiano, sustentam e possibilitam o desenvolvimento da identidade de um profissional reflexivo, crítico e pesquisador, articulado a contextos mais amplos, considerando o ensino como uma prática social”³.

Por fim, partilho com você outro pensamento que acompanha minha atual e eterna profissão e tomo-a emprestado de Álvaro Vieira Pinto, quando ele diz: “O caminho que o professor escolheu para aprender foi ensinar. No ato do ensino ele se defronta com as verdadeiras dificuldades, obstáculos reais, concretos, que precisa superar. Nessa situação ele aprende”⁴. Considero que isso foi fundamental na minha trajetória de professor: encarar os novos desafios, procurar alternativas e formas de superar os mesmos, mas, acima de tudo, manter-me na humildade e simplicidade, sem perder a alegria e a convicção de que ensinar e aprender juntos é a melhor forma de melhorarmos o mundo.

² CUNHA, Maria Isabel da. Docência na universidade, cultura e avaliação institucional: saberes silenciados em questão. **Revista Brasileira de Educação**, v. 11, n. 32, p. 259, maio/ago. 2006.

³ GRILLO, Marlene Correro; Gessinger, Rosana Maria. Constituição da identidade profissional, saberes docentes e prática reflexiva. In: GRILLO, Marlene Correro; FREITAS, Ana Lúcia de; GESSINGER, Rosana Maria; ROSÁRIO LIMA, Valdeez Marina do. **A gestão da aula universitária na PUCRS**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. p. 38.

⁴ Ibidem, p. 33.

Prolegômenos para a defesa do caráter científico do direito penal

Lucas Minorelli Gonçalves

Se perguntarem, e isso não é pouco frequente, o que mais incomoda na dogmática jurídico-penal no Brasil o escritor destas linhas, imediatamente respondo: a atecnia, seja por estagnação metodológica, seja para a persecução de fins escusos.

Permita-me ser mais claro. Em muitos aspectos aquilo que deveria ser científico substituiu a metodologia da ciência pela retórica, retórica esta que serve para vários desígnios. Alguns preferem empregá-la para dizer que “tudo está resolvido”, “não há mais o que se discutir”, dentre outras afirmações. Outros questionam a validade de determinadas teorias e propõem novas. Até aí tudo bem. O problema é utilizar o método retórico e, por mera coincidência, as hipóteses defendidas favorecem os ofícios que seus defensores exercem em conjunto com a academia. Isso não pode ocorrer com ciência alguma, sobretudo com a penal! Afinal de contas, o penalista sabe que as suas palavras muitas vezes encarceram. Em hipótese alguma se pode permitir que institutos sejam revisitados ou que a aplicação destes seja voltada para fins diversos do bem comum.

Feitas essas considerações, é bastante provável que o leitor indague a relação delas com o meu ânimo de ingressar no meio acadêmico. É recorrente nas ciências jurídicas o emprego de memorização asséptica de fórmulas e de argumentos de autoridade. Não pretendo impor a minha opinião ou de outrem em sala de aula. Longe disso. A minha intenção é outra: advertir aqueles que ingressam no meio sobre a importância da crítica – e a crítica somente surge com o pensamento crítico em ação.

São poucos aqueles preocupados em permitir que o aluno pense. Na minha vindoura sala de aula o aluno terá que pensar e questionar. E quando questionarem até a minha pessoa terei ciência que a minha missão como docente foi cumprida.

O despertar pedagógico: o Estranhamento, Desnaturalização e Atitude

Fernando Mendonça Diz

*Solenemente prometo,
no desempenho de minhas funções de Educador,
transmitir com lealdade, integridade e honestidade
os ensinamentos humanos e científicos que
façam dos jovens, a mim confiados, profissionais e
cidadãos conscientes, responsáveis e inteligentes.
Se criar homens eu conseguir, sentir-me-ei realizado.
Assim prometo.
(Juramento do Professor)*

O Estranhamento

O que significa ser professor em um país situado à margem do mundo, um lugar onde o ensino define e palavras como caos, violência e falta de respeito não são metáforas? Além de, como se fosse pouco, o que é ser professor em uma sala de aula, na qual muito dos elementos constituintes não são explicados pelas teorias pedagógicas? Immanuel Kant, no famoso ensaio “Sobre a Pedagogia”, enunciou que “o homem é a única criatura que precisa ser educada”. Com esta assertiva, Kant testemunhava sua opinião a respeito de como o Ser Humano se constitui como tal. Para ele, o homem não se faz homem no nascimento, eclode como criatura biológica e só atinge a condição de Ser Humano depois que se transforma e se recria através da educação. Nesse sentido, não há dúvidas da influência da educação sobre o ser humano. Inclusive, a resposta já está ensaiada, basta perguntar para ouvi-la – *qual é um dos principais pilares para se desenvolver uma nação?* Entretanto, observando como o homem vem se negligenciando ao longo da sua própria história, fica evidente que o mundo perdeu a noção do que é educação. Para Kant o indivíduo atinge sua plenitude através da educação, mas o que faz a educação despontar para a sua completude?

A Desnaturalização

O mundo se resumia a um professor. Era algo impossível. Ele estava sentado com imponência (porque estava lendo), enquanto eu estava sentado à toa. Fiz um esforço supremo para me levantar, mas, no mesmo instante, ele me olhou por baixo dos óculos com profunda indulgência, e eu me tornei pequenino, minhas pernas se transformaram em perninhas, as mãos em mãozinhas, minha persona em personazinha, a obra em obrazinha e o meu corpo em corpinho – enquanto ele se agigantava, sentado e olhando para mim, e lendo o meu manuscrito in saecula saeculorum amen ... e sentando. (GOMBROWICZ, Wiltold. **Ferdydurke**. Tradução de Tomasz Barcinski. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 36)

Primeiro momento: Despertei de um longo sono. Os olhos permaneciam fechados. Meu corpo flutuava. Senti uma força me puxando. Os olhos abriram. Estava tão claro que fiquei cego. Chorei. Fui carregado. De repente, tudo escureceu. Minha mente estava no esplendor de sua potência. No segundo seguinte, estava vazia.

Segundo momento: Senti o movimento. Eram minhas pernas caminhando por vontade própria. Desta vez, elas me carregavam. Guiavam-me por caminhos – que não existiam. As vistas foram, paulatinamente, se acostumando. Aos poucos um infinito do tudo começou a emergir como se já estivessem ali. Tal como uma máquina fotográfica, eu tentava registrar tudo o que acontecia. Parecia tudo tão familiar, mas como era possível, se era a primeira vez que experimentava aquela situação? Caminhava sem parar. Não sabia onde estava e muito menos para onde ia. Tinha a sensação de que procurava algo, mas o que seria? Não fazia a menor ideia, apenas procurava como se eu fosse um fantoche. Estava embriagado pela dúvida e pela estranha sensação de culpa. Mas culpa de quê? As pessoas começaram a surgir. Elas tentavam inutilmente falar comigo, meus ouvidos não captavam nada. Apenas as sentia esbarrando em meu corpo. Sinto frio. Estava sozinho. Perdido dentro de mim. Aflição, dor que me queimava por dentro. Lembranças não existiam. Tentei recordar! Foi inútil. Parecia que não tinha passado, mas como era possível? Não tinha memórias, apenas o instinto e o mal-estar da desorientação.

Terceiro momento: Tontura. Ânسيا. Tudo começou a girar. Girava, literalmente, pelo menos para mim. Tentei focar minha atenção em algo ou em alguém ao meu redor. Tentava achar uma resposta para aquela situação. Ouvia uma voz dentro da minha cabeça. *Observe!* Políticos discursavam. Carros passavam enquanto foguetes decolavam. Pessoas se beijavam e outras se matavam. Casas eram construídas... cada vez mais altas. Um turbilhão de coisas seguido por um clarão. Fecho os olhos.

Quarto momento: Sinto uma paz. Abro os olhos. Sem nunca ter ido a uma, reconheço o local, era uma sala de aula. Ninguém me notava. Era como se eu fosse invisível. O menino, do cantinho da sala, que vestia um terninho, levantou a mão e educadamente questionou – com uma voz grossa e alta, como se aquele tom não lhe pertencesse.

– *O que é sabedoria, professor?*

Todos pararam. Um enorme silêncio se fez. O homem, que parecia ser o professor, passou a vista sobre todos ali presentes e repousou a vista em mim e respondeu: - *Sábios foram os símios. Foram tão inteligentes que não se tornaram homens!*

Quinto momento: Descubro que não tenho cauda. Sou sugado pelo tempo. A singularidade do meu ser me engole. Quase sem respirar, fecho os olhos. Desapareço.

A Atitude

O que não progrediu da mesma forma foi o conhecimento do homem, que sabe aplicar a razão, as faculdades lógicas em transformar o mundo, mas que se viu incapaz de mudar a si mesmo. Continua sendo o selvagem que emprega aparelhos cujo funcionamento conhece superficialmente. Mais ainda, torna-se prisioneiro destas máquinas que fabrica em grande escala. Põe-se a adorá-las como o selvagem a seus ídolos, suplicantes que lhe mudem a vida. Elas não apenas se mostram surdas a seus apelos, mas fazem-no sentir com mais rigidez a sua condição de escravo. (Maurice Nadeau)

O Ser Humano se desenvolveu tecnologicamente, mas ainda não foi capaz de abreviar sua ganância diante do espólio que produziu, demonstrando o quanto ficou a desejar no desenvolvimento de atitudes cooperativas, coletivas e amorosas (desenvolvimento espiritual). Diante disso, é indispensável se questionar constantemente e buscar, essencialmente na incerteza, respostas. São oportunos e vitais os questionamentos do tipo: que professor imagino que vou me tornar, se não possuo tal anseio? Como também, se indagar acerca da pertinência da diferença que eu – enquanto professor – poderia exercer na formação dos meus alunos, se nem ao menos meus amigos me compreendem? Estes dilemas nos conduzem para uma melhor compreensão da “ignorância de si”, apontada por Lacan. Este movimento acaba extraído de dentro de nós uma perspectiva mais humanista, sendo este compreendido como laço social e civilizador que a serve de inspiração para o ideal, amenizando a selvageria, assim como foi proposto pelo escritor alemão Thomas Mann.

Neste ponto, retomo a pergunta motriz deste ensaio, *o que significa ser professor em um país situado à margem do mundo, um lugar onde o ensino definha e palavras como caos, violência e falta de respeito não são metáforas?* Para mim, ser professor é um compromisso, um comprometimento com o educar.

Então se você se pergunta “que tipo de professor você irá se tornar?”, coloque como possibilidade ser o professor educador. Pois o educar é uma palavra de vasta essência, mas sem sentido completo gramaticalmente, que para atribuir significado é necessário admitir dois vocábulos como complemento – em particular, dentro da sala de aula – que são professor e aluno. Como também se preconiza não conjugar sem o auxílio de outros dois elementos: ensinar e aprender. A mim parece claro que somente desta maneira, o ato de educar ganha sentido específico, ou seja, o de instruir permitindo ao educando condições para se constituir como sujeito livre e independente.

Referências

GOMBROWICZ, Wiltold. **Ferdydurke**. Tradução de Tomasz Barcinski. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

KANT, Immanuel. **Sobre a pedagogia** (1803). Piracicaba: Editora Unimep, 2002.

NADEAU, Maurice. **História do surrealismo**. São Paulo: Perspectiva, 1985.

Que professor serei?

Henrique Gabriel Cabral

Qual aluno de graduação, durante suas aulas, nunca imaginou: “Se eu fosse professor desta disciplina, ministraria o conteúdo dessa maneira”, ou ainda, “Se eu fosse professor desta disciplina, faria a avaliação de determinado modo”. Com este que vos escreve não foi diferente. Apesar de a ideia de me tornar professor ainda me ser novidade, a reflexão sobre isso sempre perambulava pela minha mente. Ficava imaginando de que modo poderia contribuir ou melhorar a didática, a avaliação, dentre outras coisas, das disciplinas que cursava.

Agora, na iminência de me tornar professor, mais do que nunca essa reflexão me ocorre. Fico meditando sobre o melhor modo de transmitir o conhecimento para meus alunos, de modo que possam aproveitar ao máximo a disciplina. Penso em compartilhar minhas vivências, que apesar de minha pouca idade e experiência, pude adquirir um considerável conhecimento prático, pois fui bolsista de Iniciação Científica por muito tempo em diversos laboratórios, e isso me permitiu aplicar diretamente os conhecimentos adquiridos nas disciplinas da graduação.

Um fato ocorrido recentemente a minha pessoa, e que me motivou a continuar percorrendo o caminho de me tornar professor, foi quando uma colega de graduação me solicitou auxílio em uma disciplina. Apesar de seu esforço em compreender o conteúdo, ainda assim tinha dificuldades, e foi quando me solicitou auxílio. Após eu explicar dois conteúdos distintos, fazendo uso de exemplos didáticos, sua expressão facial fazia transparecer que eu não havia conseguido transmitir o conteúdo, e que ela não havia compreendido nada. No entanto, após o breve momento de silêncio, ela comenta que gostaria que todos os professores pudessem ensiná-la do mesmo modo que eu, e que tudo havia ficado muito mais claro depois da minha explicação. Esse foi um dos maiores incentivos que eu poderia ter recebido, e minha motivação só foi multiplicada.

O sentimento de ter colaborado para o desenvolvimento de outras pessoas é bastante gratificante. Em um mundo cada vez mais globalizado, e no entanto, cada vez mais individualizado, necessitamos gradativamente interagir uns com os outros, de modo a compartilhar vivências, experiências e conhecimento, e reestabelecer o conceito de sociedade cooperativa. Neste sentido, enxergo a profissão de professor como um ótimo meio de implementar essa ideia. Criar relações com os alunos, de modo a cada vez mais disseminar o conhecimento, e incentivá-los ao mesmo.

Pretendo criar a imagem de um professor que dialoga, e também que saiba ouvir os alunos, para que os problemas possam ser resolvidos em conjunto. Criar a imagem de um professor rigoroso, que inspire disciplina, mas

ao mesmo tempo acessível, em que os alunos possam livremente dialogar e explicar suas dificuldades. Acredito que a imagem de um professor amigável seja a mais adequada, no entanto, também acredito que deva haver um nível de rigor e disciplina em sala de aula, para o bom andamento das aulas, pois, caso contrário, os alunos acabam não dando o devido valor ao conteúdo, e acabam cursando a disciplina somente para concluir o currículo do curso.

Assim, para concluir, as expectativas em me tornar professor são grandes. Espero que ao longo de minha carreira, consiga realizar grande parte delas. No entanto, sabemos que com o passar do tempo, tais expectativas mudam, acrescidas da experiência, e devem ser adaptadas à nova realidade. Portanto, irei avaliar a melhor maneira de adaptar as minhas aulas de modo a atender as perspectivas dos alunos, da faculdade, e também as minhas, de maneira a ministrar a melhor aula possível.

Ensaio

Leila de A. Castillo label

Inicio a escrita numa fria tarde de domingo, em Sertão, diga-se de passagem, o primeiro frio do ano, me coloquei a organizar as tarefas pendentes para o final do semestre. Optei pela ordem cronológica de entrega e estava ali o desafio da escrita de um Ensaio.

Aqui em Sertão, norte do Rio Grande do Sul, o tempo parece não correr tão rápido. Aliás, corre quando penso no que há por fazer... e volto a refletir... tenho que me organizar melhor. Preciso aproveitar esse ritmo desacelerado daqui. As pessoas param ao meio-dia e reiniciam as atividades às treze horas. Sim, aqui as pessoas param para almoçar. E é por essa reflexão sobre o tempo que inicio a responder sobre as expectativas da docência.

Sou professora há mais de 24 anos. Em Sertão completarei quatro anos em agosto. Nessa caminhada uma das poucas certezas que tive foi a de que queria ser professora. Em 2005, quando tive a oportunidade de fazer uma pós, especialização em Gestão e Supervisão Educacional, aprofundi meus estudos na avaliação emancipatória, a monografia, primeira vez que escrevia uma, versava sobre autonomia, ensinância e aprendizagem. Busquei muitos conceitos e fui no latim entender de uma forma talvez simplória, não científica, a raiz do sentido da palavra educar. Eu havia assistido uma palestra em que o ministrante trouxera o termo *educere* em contraponto ao já conhecido *educare*. Levar, conduzir, guiar. *Educare*⁵, no latim, era um verbo que tinha o sentido de “criar (uma criança), nutrir, fazer crescer. Etimologicamente, poderíamos afirmar que educação, do verbo educar, significa “trazer à luz a ideia”. (Daí a ideia também do aluno = sem luz). *Educare*, dizia o palestrante, vem de ser alimentado, de receber o alimento, de fora para dentro. *Educere*, verbo composto do prefixo ex (fora) + ducere (conduzir, levar), e significa literalmente ‘conduzir para fora’, ou seja, preparar o indivíduo para o mundo. Tirar de dentro o que o aluno tem.

Escrevi, ousando conceituar o que entendia ser parte desse processo tão complexo e pleno chamado educar.

Ensinante: profissional da educação que, em situação de rotina escolar, estabelece uma relação de aprendizagem com os envolvidos. É o facilitador, mediador, provocador da construção do conhecimento. Constrói coletivamente as

⁵ Levar, conduzir, guiar. *Educare*, no latim, era um verbo que tinha o sentido de “criar (uma criança), nutrir, fazer crescer”. Etimologicamente, poderíamos afirmar que educação, do verbo educar, significa “trazer à luz a ideia” ou filosoficamente fazer a criança passar da potência ao ato, da virtualidade à realidade. In: **Pedagogia como campo de saber e fazer: Breve histórico e conceito**. Disponível em: <<http://www.seer.ufr.br/index.php/olharesetilhas/article/viewFile/3475/2558>>. Acesso em: 31 maio 2015.

normas de bem viver para que essa construção de novos saberes, realmente se dê de forma significativa. O *ensinante* é então, quem consegue estabelecer uma relação de aprendizagem ou ensinância sem se valer de hierarquia ou poder, simplesmente⁶ busca a construção do conhecimento (IABEL, 2014).

Aprendente: quem, em situação de rotina escolar, busca a construção do conhecimento estabelecendo novas situações de aprendizagens e afetividade mesmo que essas tenham que ser facilitadas, mediadas ou provocadas. (IABEL, 2014).

Gostaria de ser muito mais ensinante aprendente do que sou, ou penso que sou. Sinto que falta tempo. Quero fazer muitas coisas e não estou. Percebo que o que faço não sai tão bem feito quanto poderia ser.

Hoje, no doutorado, (pausa) ... pensei que nunca chegaria aqui ... tenho a sensação de que já fui tão longe. Mas ao mesmo tempo sei que posso ir bem mais...

Mas e o tempo? Tenho que tornar-me amiga dele. Ser sua parceira, poder aproveitá-lo ao máximo e sem egoísmo também dar-me um pouco mais.

Sobre a resposta às perguntas que motivaram à escrita desse Ensaio, espero que o meu exemplo de luta pela vida, pela carreira e a paixão pela docência contagiem meus colegas de profissão, inspirem aprendentes à procurar pela carreira de professor. Encerro a escrita numa tarde quente e ensolarada de um outro domingo.

Esperança é preciso!

⁶ Sem querer minimizar e simplificar a complexa tarefa da construção do conhecimento.

Expectativas de me tornar professora

Caren Rejane de Freitas Fontella

Jamais considere seus estudos como uma obrigação, mas como uma oportunidade invejável para aprender a conhecer a influência libertadora da beleza do reino do espírito, para o seu próprio prazer pessoal e para proveito da comunidade à qual seu futuro trabalho pertencer. (Albert Einstein, aos estudantes de Princeton, EUA)

Minha trajetória como professora iniciou muito cedo. Tinha apenas 13 anos quando meu pai me disse “Minha filha tu farás o curso de nível médio Normal (magistério) para que ao te formares tenhas uma profissão”. Essa ideia de meu pai da necessidade de que eu tivesse uma profissão ao me formar no ensino médio veio do fato dele e de minha mãe terem tido um filho na adolescência (eu), e devido a isso não concluírem o ensino médio regular (concluíram depois dos 20 anos no antigo Supletivo), e em vista disso tiveram grande dificuldade de encontrar emprego. Para que eu não passasse pelas mesmas dificuldades, meus pais priorizaram que eu saísse do ensino médio com uma profissão, e a profissão que escolheram foi a de professora.

Então, ingressei aos 14 anos no Instituto General Flores da Cunha no curso de Magistério. Durante todo o primeiro ano, chorei e pedi aos meus pais para trocar de curso, pois ao ingressar no IE descobri que no curso de Magistério iria ter apenas 1 ano de química, física, biologia, entre outras disciplinas propedêuticas, para dar lugar às disciplinas de formação pedagógica, como didática, etc. Como meu objetivo sempre foi ingressar na universidade, vi que se continuasse naquele curso ficaria ainda mais difícil para uma menina egressa de escola pública ingressar numa instituição pública de nível superior. Ao final do 1º ano meu pai concordou que eu cursasse o Ensino Médio sem uma formação técnica, entretanto ao me deparar com o fato de ter que voltar para o 1º ano, desisti. E o 2º ano no curso de Magistério foi outra choradeira. Além da questão do meu objetivo de ingressar no nível superior, o curso de Magistério exigia de mim algo extremamente difícil, *que eu falasse em público*. Lembro das professoras pedindo que eu elevasse o tom de voz nas apresentações, pois não conseguiam me ouvir, e das folhas em minha mão balançando enquanto eu tremia ao apresentar um trabalho. Imagina, então, dar aula. Parecia impossível para mim, naquele momento a profissão de ser professora. Ao final do 2º ano decidi trocar de escola, ainda para concluir o Magistério, mas em 3 anos, e não em 4 anos como era previsto no IE. Ao concluir o 3º ano, iniciaria a etapa de estágio obrigatório, aos 17 anos, onde eu assumiria uma turma por um semestre inteiro. Foi extremamente difícil a

tarefa de lecionar para uma turma de 4^a série, e quando concluí o estágio, só tinha uma certeza em minha vida: Que jamais seria professora!

Após alguns anos de curso pré-vestibular ingressei em 2007 na UFRGS no curso de Física, bacharelado, já que a única certeza em minha vida era que não queria ser professora. De fato, durante toda minha infância e adolescência, quis ser astrônoma, e por esse motivo prestei vestibular para o curso de Física. Não foi até o 3^o semestre do curso que esse cenário mudou. Em uma aula da disciplina de Física II, o professor PMM (que para mim é um exemplo de professor), nos comentou sobre a profissão do bacharel em Física e do Licenciado em Física, e falou da profissão de professor com tanta paixão, que a partir daquele momento comecei a pensar sobre ser professora. Procurei meu professor diversas vezes fora da sala de aula para lhe perguntar mais sobre a profissão, e no final do semestre decidi trocar para a licenciatura e me tornar professora.

Ainda com dificuldades (em menor escala por causa do Magistério) de falar em público, iniciei o curso de Licenciatura em 2009. A partir deste momento, tive que começar a pensar em planejamento de aulas, práticas pedagógicas de ensino, teorias de aprendizagem, etc. No final do curso, tínhamos 2 semestres nos quais trabalhávamos em um curso de extensão (que para nós eram 2 disciplinas obrigatórias) no qual dávamos aulas para grupos de estudantes de nível médio, e por fim o estágio docente.

Minha segunda experiência com o estágio docente foi muito diferente da primeira. Estava mais madura, mais preparada (talvez, também, por ter ficado 2 anos como bolsista do PIBID) e adorei a experiência de lecionar, apesar de todas as dificuldades enfrentadas, tais como, ganhar o respeito dos estudantes em um período curto de tempo, o fato de ter alguém observando e avaliando minha aula, fazer os estudantes verem a aplicabilidade e importância do conteúdo ensinado, entre outros desafios do dia a dia do professor.

No ano de minha formatura realizei concurso para professora de ciências para a prefeitura de Viamão, o qual fui nomeada em 2012, e lecionei por quase dois anos a disciplina de matemática (sim! matemática) para as séries finais do ensino fundamental. Foi neste momento que de fato me apaixonei pela profissão. No momento em que assumi uma turma como professora regente, e pude ver o crescimento (pessoal e intelectual) de meus alunos. Foi com uma dor e um medo muito grande (pois não estaria mais em sala de aula), que larguei o município para assumir no IFRS como técnica em assuntos educacionais. No Campus Restinga (local onde trabalho como TAE), na periferia de Porto Alegre, descobri o outro lado da educação; o acompanhamento pedagógico da escola, dos professores e dos alunos, o “pensar” uma instituição de ensino. Foi pensando a educação que ingressei no doutorado em Educação na PUCRS, e decidi fazer a disciplina transversal de *Metodologia do Ensino Superior*, com uma professora que não somente ensinava como ser um bom professor, mas que aplicava em sala de aula, diariamente, aquilo que nos ensinava, instigando ainda mais, a imensa saudade que eu sentia da sala de aula.

Foi numa destas aulas que a professora nos solicitou, como uma das atividades de avaliação da disciplina, um ensaio sobre o tipo de professora que imagino estar me tornando, e começarei dissertando sobre o tipo de professora que sou hoje.

Sou uma professora que ama a sua profissão, afinal, como dizia Paulo Freire “Não se pode falar em educação sem amor”. Descobri, lecionando, que amo estar em sala de aula, em contato com os alunos, e vendo seu progresso (não somente no conteúdo ensinado), mas como pessoa. Acompanhar o crescimento pessoal de um indivíduo é algo que não tem preço, fazer parte da história de alguém é algo incrível. E quando vejo que fiz alguma diferença (mesmo que mínima) na vida de um aluno me sinto realizada. Sou uma professora que não é somente professora, é mãe, é amiga, confidente, conselheira, enfim...sou aquilo que meu aluno precisar num determinado momento.

Hoje, faço a disciplina de metodologia do ensino superior pensando nos meus planos futuros, que são lecionar para o curso superior de pedagogia, e formar educadores, pessoas que amem sua profissão e seus alunos. Quero poder inspirar futuros professores, e lhes ensinar como é linda a profissão docente.

Para finalizar, gostaria de relatar que apesar desta disciplina ter sido feita devido a planos futuros meus, ela me ensinou muito sobre a prática docente, e sobre o uso de diferentes metodologias também na educação básica. E com certeza, sairei uma professora diferente daquela que começou esta disciplina em março de 2015.

Sobre o compromisso de ser professor

Táisi Daine Inácio

Que professor tu imaginas que estás te tornando? Anteriormente a esta pergunta, eu fui aluna e desde esse período me tornar professora não era nem de perto a minha primeira opção para uma profissão. Passaram-se os anos, porém esta dúvida ainda paira sobre mim. A recorrência desta angústia em meu íntimo beira um drama shakespeariano, “ser ou não ser professor, eis a questão?”.

Será que realmente quero ser professora? Evidentemente para ser professor não basta apenas gostar de ensinar, apreciar é essencial; mas também é necessário preencher condições das quais sempre admirei nos bons exemplos de professores que tive como estudante. Estes arquétipos se tornariam os pré-requisitos necessários para ser um bom mestre, do mesmo modo que são os principais entraves que me impedem de esquivar desta dicotomia angustiante do “ser ou não ser professor”.

Se por um lado, meu carinho e admiração por aqueles professores, que contribuíram para minha formação, trazendo excelentes estratégias de ensino, que tornava o estudar mais fácil, aqueles que me fizeram me apaixonar pela dinâmica da aula. Aulas preparadas com dedicação e zelo, demonstrando um ato de amor ao diploma conquistado. Maravilhosos professores que acreditavam que podiam trazer algo de novo, que amavam ensinar e que se preocupavam com a formação de seus alunos, acrescentando melhorias, além de nos tornar humanos com mais valores. Falar desses professores me agrada e enaltece de bons sentimentos, aumentando a minha responsabilidade. Pelo outro, também é necessário olhar para aqueles que mostram que tipo de professor que não pretendo ser. Ser professor implica em responsabilidades, que me desafia, além de imprimir um ritmo acelerado em meu coração. “Será que eu seria capaz de repetir os meus queridos mestres ou até ser melhor que eles? Ou ser pior que aqueles que não me estimularam?”.

Não quero ser um professor com vasto conhecimento científico sem ter a menor ideia de como planejar uma aula. Fazendo o conteúdo parecer vago e desnecessário. Não quero ser este professor que joga as informações em slides ou no quadro, onde o papel de orientador fundamentalmente é possibilitar as relações entre o conteúdo e a realidade vivenciada, fugindo da aplicação necessária na formação do estudante. Não quero avaliar meus alunos com provas visando saber se o aluno aprendeu ou não. Quero fazer perguntas como as que me faço e que espero que os professores a façam; Qual a relevância de determinado conteúdo que desejo que meu aluno aprenda? O que é aplicável? O que devo cobrar em uma prova que deva ter significado na sua formação?

Isso me preocupa. Tenho meus receios é verdade. Talvez eu me cobre muito, talvez eu ainda não tenha me preparado adequadamente para ser docente, talvez, talvez, talvez... Talvez possam ser infinitas razões. Afastando cuidadosamente as dúvidas e os receios, acredito que ser professor significa se importar com a responsabilidade de ensinar, para isso é necessário se profissionalizar. A profissionalização fundamental para o crescimento tanto pessoal, quanto profissional para aqueles que pretendem ajudar na formação dos seus alunos.

Avaliar as experiências que tive como aluna e como professora me faz acreditar que o melhor caminho é a busca infinita pelo aprimoramento profissional. Apurando constantemente tanto o meu aprendizado, como dos alunos e somente assim propor alterações na prática para um bom desempenho do ensino e aprendizagem, quando forem necessários.

Ser professor vai muito além de gostar de ensinar. Ser professor é se aproximar dos alunos a ponto de conhecê-los melhor, mesmo que às vezes seja em um breve período de tempo e nesta efemeridade temporal dos dias corridos, aproveitar o momento para orientá-los com o objetivo possibilitar o preenchimento das lacunas do conhecimento. Ser professor é um desafio constante entre o saber e estabelecer uma relação responsável em ensinar. Diante disso questiono: *Será que irei me tornar professor? Qual será o tipo professor estou me tornando? Será que farei diferença na carreira quando for um professor?* Pois dar aula é um desafio constante entre as adversidades e variáveis que compõem o aprender e a ensinar. Estabelecer um controle das variáveis possíveis é a melhor maneira de condicionar a uma situação favorável de aprendizagem.

A constituição da minha professoralidade

Cristiane Follmann Jurinitz

O professor universitário está muito voltado para o conhecimento técnico, procurando sempre manter-se atualizado na sua área de conhecimento. Esta busca incessante por atualização, que deve sempre existir, ofusca sua dedicação para uma dimensão pedagógica do ensino, tão fundamental quanto a técnica. Um olhar mais atento às salas de aula dos cursos de graduação, nos mostra esta demanda: jovens, em sua maioria, ávidos por um modelo a seguir, por um professor com uma dimensão humana e pedagógica muito presentes. Diversos autores tratam desta carência da preocupação pedagógica no ensino universitário (CUNHA, 2006; STIVANIN et al., 2010, são alguns exemplos), sendo que a reflexão sobre o projeto pedagógico que os professores universitários reproduzem sem dar-se conta é apontada como um dos principais pontos a serem trabalhados entre estes docentes (CUNHA, 2006). As avaliações dos cursos de graduação implementadas pelo governo nas últimas décadas têm focado no desempenho dos alunos em termos da apreensão de conteúdos, o que acaba legitimando ainda mais a prática docente no âmbito universitário da forma como ela vem sendo realizada (CUNHA, 2006). Somado a isso, docentes em início de carreira são levados por toda a conjuntura da Universidade e das avaliações dos programas de pós-graduação, a focarem a sua dedicação na pesquisa e na produção e conhecimento especializado, em detrimento da dedicação à dimensão pedagógica do ensino (STIVANIN et al., 2010).

Um dos grandes desafios que percebo na construção desta minha carreira que se inicia, é justamente contribuir para que este paradigma, que desconsidera a dimensão pedagógica, perca a sua hegemonia na universidade. Com a experiência que adquiri no exercício da docência até o momento, chamou-me muito a atenção a importância de diversos pontos considerados subjetivos e de menor valor e, sobre os quais, tenho a impressão, parece que só se fala nas “Faculdades de Educação”. Estranho pensar que, dentre todos os professores que constituem o corpo docente de uma Universidade e que, portanto, estão efetivamente envolvidos com os processos de ensino-aprendizagem, a reflexão sobre a prática docente fique restrita a um determinado espaço e grupo.

Um destes pontos que mais me sensibilizou, diz respeito à postura do professor em sala de aula e acaba por me remeter a experiências vividas durante a graduação. Passaram pela minha formação professores que se consideravam detentores do conhecimento, em um patamar superior, levando os alunos a sentirem-se menores e até mesmo incapazes de atingir tal patamar. As aulas destes professores eram frequentemente muito bem encadeadas e fundamentadas no conteúdo, de modo que eu e a maioria dos meus colegas não nos sentíamos capazes de fazer uma pergunta pertinente. Em contrapartida a esta visão, Dubet (1997) ao citar um teste feito por Georges Felouzis, um colega seu, afirma que o professor que provoca um aprendizado mais efetivo é aquele que acredita no aluno, nas suas palavras: “(...) professores

mais eficientes são em geral aqueles que acreditam que os alunos podem progredir, aqueles que têm confiança nos alunos. Os mais eficientes são também os professores que vêem os alunos como eles são e não como eles deveriam ser” (DUBET, 1997, p. 231). Estas afirmativas trazem à tona um dos aspectos que contribui para que o processo ensino-aprendizagem seja tão idiossincrático: a visão que o professor tem dos seus alunos. Reconhecer que, ao tratar os alunos como incapazes, o professor tem responsabilidade direta na falha em termos de aprendizado, que nada tem a ver com a matéria, é reconhecer a especificidade humana do processo de ensinar, como afirma Freire no clássico ‘Pedagogia da Autonomia’. Complementarmente, Freire destaca o respeito necessário ao educando, de modo que ensinar exige conhecimento e segurança, mas sobretudo generosidade e afetividade: “não há docência sem discência” (FREIRE, 1996, p. 12). Outro ponto destacado por Freire (1996), salutar ao exercício ético da docência, é refletir acerca da responsabilidade do professor na formação de um profissional, destacando o quanto ser professor constitui-se em uma atividade política. Estar ciente desta responsabilidade, com a formação de Biólogos, no meu caso específico, mas também de cidadãos, acredito que seja uma das convicções mais importantes que um professor deva possuir. Neste sentido, tenho orgulho de ser professora, dando a minha contribuição à sociedade do futuro. De encontro a isso, está a preocupação que o professor deve ter em termos do respeito à profissão, mostrar que gosta do que faz, preparando bem as aulas, proporcionando um ambiente de aprendizado agradável, onde os alunos se sintam à vontade para opinar, para aprender.

Sem perder de vista o conhecimento específico, cuja atualização constante é considerada um compromisso ético do professor (FREIRE, 1996), cada vez mais busco incorporar as nuances pedagógicas envolvidas no processo de ensino-aprendizagem no meu dia-a-dia como professora. Aprendi com as leituras e reflexões delas decorrentes, proporcionadas pela disciplina de Metodologia do Ensino Superior, que a busca pela incorporação da dimensão pedagógica deve ser constante na vida de um professor que almeja, como eu, fazer a diferença na formação dos seus alunos.

Referências

- CUNHA, M. I. Docência na universidade, cultura e avaliação institucional: saberes silenciados em questão. **Revista Brasileira de Educação** v. 11, n. 32, p. 258-271, 2006.
- DUBET, F. 1997. Entrevista com François Dubet: Quando o sociólogo quer saber o que é ser professor. Entrevista concedida à Angelina Teixeira Peralva e Marília Pontes Sposito da Universidade de São Paulo. (Tradução de Inês Rosa Bueno). **Revista Brasileira de Educação**, n. 5/6, p. 222-231, 1997.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).
- STIVANIN, N. F.; ZANCHET, B. M. B. A.; VIGHI, C. S. B.; Souza, H. B. M.; CARRENO, L. S. M. Professores universitários iniciantes: desafios para a docência. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO – XV ENDIPE, 2010, Belo Horizonte. **Anais ...** Belo Horizonte, 2010.

Ensaio sobre educação

Marcel Ferreira Kunrath

Para expressar o que eu sei sobre ensinar não vou repetir conceitos. Vou tentar usar a pureza do tema a partir do meu olhar.

Sou filho de professores e aprendi que ensinar não é apenas um trabalho. É um modo de ser.

Ensinar é fruto de um desejo de falar e pensar sobre o que se gosta. Não basta ser um cirurgião-dentista e gostar do que faço. Preciso expor, debater e viver a odontologia com quantos interlocutores encontrar.

Tive ótimos professores e pretendo juntar as diferentes formas de transmitir o conhecimento, que me tocaram durante meu aprendizado, e usar isto para o meu trabalho.

Creio que sou um professor nato buscando a profissionalização e aperfeiçoamento. E sei que para alcançar este objetivo o profissional deve superar as barreiras da precarização da educação e baixa valorização do professor.

A educação não tem sido prioridade no Brasil de hoje, como não foi prioridade ao longo de muitos anos.

Nessa linha, Luiz Flavio Gomes, no texto, Pátria deseducadora, diz que estamos andando em círculos, quando refere o Manifesto por uma Educação Nova no Brasil, escrito lá em 1932, com participação de Anísio Teixeira, Lourenço Filho, Roquete Pinto e Cecília Meireles, pedindo a valorização dos professores e qualidade de ensino.

Como se vê, não é fácil ensinar no Brasil. Então eu pergunto: como um educador poderá se desenvolver numa “pátria deseducadora”?

Este é o desafio que me proponho a vencer como professor.

Como instrumentos tenho o desejo de viver a odontologia, a cidadania, a pedagogia e os belos exemplos que me inspiraram até aqui.

Com eles vou mergulhar no conhecimento, buscar inovações e participar das mudanças necessárias para transformar o Brasil numa pátria realmente educadora.

Ensaio

Rafael Martins Costa Moreira

Decidi ingressar no mestrado somente após alguns anos de atividade profissional, basicamente por dois motivos: para que pudesse escolher de forma mais madura em qual a área do conhecimento jurídico intensificar meus estudos, e para aliar a prática aos estudos. Acredito que começar a pós-graduação cerca de onze anos depois de formado, e com quase oito anos de magistratura me possibilitou adquirir grandes ideias para a dissertação e os seminários. Ademais, pude enxergar o mestrado e a perspectiva de lecionar com os olhos de alguém que tem alguma experiência e conhece a prática das profissões jurídicas.

A partir desse contexto, imagino que estou me tornando um professor preocupado com o futuro profissional dos alunos e que priorizará aspectos práticos da carreira jurídica, sem esquecer o lado teórico e filosófico. E também por saber que a perfeição é inatingível, embora devamos sempre evoluir, imagino que irei me tornar um professor comprometido em não apenas passar meus conhecimentos aos alunos, mas também em fazer com que estes tenham maior noção do mundo real que lhes espera depois do canudo, com as vantagens e os sacrifícios que terão de suportar, e pretendo lhes mostrar o papel de cada um na transformação empírica da sociedade.

Alguma maturidade já me permite dizer que não imagino que minhas aulas serão perfeitas, nem espero agradar a todos os alunos sempre. Mas quero me esforçar para manter o melhor diálogo possível – ainda que seja para ser o portador de más notícias. E imagino que as experiências vivenciadas em sala de aula, em sua totalidade – sejam momentos agradáveis ou tensos – irão compor uma peça inseparável da vida profissional e pessoal, minha e de meus alunos.

Por fim, a arte de lecionar poderá contribuir sobremaneira com minha atividade profissional atual – a magistratura, e vice-versa. Como professor, estarei sempre absorvendo novos conhecimentos, percebendo as questões jurídicas a partir de ângulos diferenciados, aprimorando a fala em público e a habilidade de passar conhecimento. Como juiz, posso mostrar aos meus alunos a realidade do mundo jurídico em todos os sentidos, não apenas de forma descritiva, mas também para que os alunos consigam “sentir” efetivamente como é ser um juiz, um advogado, um promotor ou outro operador do Direito.

A flor e a floriculturista

Guilherme Gomes Ferreira

“Tudo o que eu queria era ter uma floricultura. Trabalhar o suficiente para ter uma casa e tempo o bastante para gozar de boa música, teatro, cinema. Mas para os meus pais, é importante que eu esteja na faculdade, que eu tenha um diploma e que eu não desista disso”. Lembro-me bem dessa conversa que tive com uma amiga minha ainda no segundo ano da faculdade. Ela se queixava que, por já ter desistido de uma profissão anteriormente, dessa vez era preciso ir até o fim, mesmo que tudo que ela quisesse era cuidar de flores e aprender a regá-las apenas com o conhecimento vivido.

Início esse ensaio por esta memória porque ela me remete diretamente à educação e aos processos pedagógicos pelos quais passei e as pessoas que conheço passaram, histórias que me foram contadas, dentre as quais esta que relato. Outras situações me vêm à mente, como a vez em que, ainda na primeira série do Ensino Fundamental, minha professora dizia a uma coleguinha que ela deveria pintar a flor desenhada com movimentos circulares em vez de torto e côncavo como ela pintava. Lembro também das vezes em que, chorando, eu dizia à minha mãe que ela estava me ensinando diferente de como ensinava a professora e lembro-me de como era triste para mim as vezes em que minha irmã rasgava minhas folhas e ordenava que eu escrevesse novamente para melhorar minha caligrafia.

Todas essas recordações acabam respondendo um pouco às minhas expectativas enquanto educador. São experiências de uma pedagogia cotidiana, que não se restringe aos muros da escola e que guardam em si desejos de conservação e superação: de conservar as características pedagógicas das pessoas que me ensinaram de um jeito que pude admirar; de superar as atitudes que não me parecem as ideais e que não desejo reproduzir enquanto educador. Ao mesmo tempo, refletir sobre essas memórias me permite pensar “como foi que aprendi a gostar daquilo que faço e daquilo que me tornei”. Certamente foi do modo mais difícil (a expectativa da família, a necessidade de sobrevivência, o desejo de amadurecimento) e, embora hoje me sinta realizado, de alguma maneira acredito que isso também me foi ensinado: o ideal de ter uma profissão, de fazer com que a vida tenha algum sentido.

É interessante pensar que somos educados a seguir um caminho definido, que nossos ideais sejam ter uma profissão que traga sucesso (leia-se, dinheiro), para poder constituir uma família própria e proporcionar “aos nossos” o mesmo caminho definido. Não é difícil entender por que tantos professores são infelizes ao ensinar português e matemática: será que amam o que fazem ou trabalham na intenção de criar sentido à vida? Será que só o amor pela

profissão basta para ensinar quem não quer aprender? Ou quem quer aprender? Penso que fazer essas perguntas todos os dias da minha vida é só o primeiro passo para me tornar o educador que eu desejo ser: que eu possa transformar a realidade, fazer a diferença, não me alienar nunca daquilo que me proponho.

O desejo de ser um bom mestre, de que, por trás dos meus ensinamentos, os alunos sintam a felicidade com que ensino, é a minha principal preocupação. De aprender as técnicas necessárias para ensinar com qualidade, demonstrando sempre meu entusiasmo, de seguir sempre pelos caminhos que me fazem feliz.

Como ser um professor que busca a reflexão do aluno em um momento social tão adverso?

Denise Garcia Telli

Quando li o artigo de Santos (2010) sobre os dilemas e as possibilidades que os professores da atualidade se deparam em sala de aula tive diversas inquietações, a pesquisa realizada pela autora nos traz diversos exemplos para reflexão a todos aqueles que são ou estão no processo de se tornarem professores. Atualmente os professores deparam-se com alunos que sofrem de fadiga, não possuem tempo para o estudo fora da sala de aula e concorrem com diversos elementos dispersivos de atenção dentro da sala de aula. O aluno vai à universidade em busca de respostas prontas (FREIRE e FAUNDEZ, 1985 apud STIVANIN et. al. 2010) - como um produto na prateleira e este dilema, resultado da sociedade atual, traz ao professor a obrigatoriedade de entregar algo pronto ao aluno (caracterizado pela venda), a sociedade atual cobra dos professores que os alunos saiam da faculdade prontos - e bem colocados - para o mercado.

Neste contexto, o professor acaba fragilizado no seu ofício de “fazer pensar” porque ele não tem controle sobre seu ‘produto’ (TARDIF, 2002 apud CUNHA, 2006) e entrega deste ‘produto’ não depende só dele – o processo de ensino é uma relação entre professor e aluno. Assim sendo, cada ensino é diferente para cada aluno pois cada aluno aprende de forma diferente. Fazendo uma relação com o marketing, este processo pode ser considerado uma co-criação, onde aluno e professor atuam juntos na produção do produto. Ou como Stivanin (2010) descreve o ‘produto ensino’ do ponto de vista das universidades, que têm como objetivo melhorar seu *ranking* para cada vez atrair mais alunos, ou seja, destacar seu ‘produto’ no mercado. Logo, qual o papel do docente neste cenário? Afinal, ele é o personagem principal na formação profissional e científica dos alunos de graduação. Seu principal objetivo é trabalhar junto ao aluno de forma que este possa, de forma autônoma e crítica, refletir sobre os assuntos pertinentes a disciplina e aos acontecimentos sociais (tanto históricos e de futuro quanto os atuais). A discussão é decorrente do método de ensino de “depósito de conhecimentos” conforme coloca Freire (2011).

A escola que sonhamos é feita de boa infraestrutura, excelentes professores e alunos interessados, mas a realidade que nos espera – nós, os novos docentes – é bem diferente, como escreve Freire (2011). Diferentemente do modelo de sociedade de antigamente, nos dias atuais os alunos podem buscar por conta própria todas as informações necessárias a qualquer momento. Isso causa uma inquietação aos docentes, que passaram de provedores de conhecimento a gestores de equipes – aí surge uma oportunidade: gerir os conhecimentos que esta equipe (a turma de alunos) pode

buscar e avaliá-la por isso. Poderia ser uma solução para que os alunos se ‘movimentassem’? Este tipo de atitude se encaixa no perfil (esperado) de um professor?

Os alunos chegam a graduação deficitários de uma atitude reflexiva, situação que se inicia em nosso ensino fundamental. Neste contexto, como o professor irá instruir, passar informações aos mesmo tempo que gostaria de propor reflexões? Quer dizer, o aluno recém chegou em um curso onde irá iniciar os estudos em determinada área e já então, eu professor, quero fazê-lo conjecturar sobre temas que ele ainda não tem domínio? Como a sociedade reage a este fato? Não seria eu, professor, um monstro que não está passando o conteúdo completo?

Encontramos alguma luz na pesquisa de Pimentel (1993), que traz informações sobre aulas de professores bem quistos pelos alunos. A autora relata, que apesar destes professores ainda serem o centro do conhecimento, eles “procuram introduzir variações nos exercícios, incentivando os alunos a refletirem junto com eles, (...) explicando e provocando a participação dos alunos” (p. 69).

Do que aprendi até o momento tenho ciência do papel fundamental que o professor tem no desenvolvimento cognitivo do aluno e, a partir da aceitação deste papel, criam-se diversas responsabilidades. Planejo estar sempre em atualização com os conhecimentos da área e com questões da sociedade pois as ideias, palavras e atos que saem de mim irão adentrar diversas mentes e todo cuidado é essencial. É também papel do professor reduzir a distância que há entre a ciência e a cultura do cotidiano. Esta também pode ser uma maneira de aproximar os alunos do conteúdo abordado, gerando maior interesse para debates e nutrindo mentes pensantes. Como dito por Vitória, “o professor deve ensinar a aprender, indicar o caminho para que o aluno possa aprender, através da leitura, da conversa e da discussão” (2015), ou seja, ser o condutor do processo de refletir do aluno. A sala de aula deve ser um local para análises, críticas, deve gerar espaço para a atribuições de significados (pessoal) onde o aluno deve interpretar o conhecimento que recebe. É controverso pois ao mesmo tempo, o professor tem o dever de ser sensível, estar atento as atitudes dos alunos, seus históricos e situações sociais, etc.

E então me deparo com outra inquietação: “ensinar é ciência, técnica ou arte?” (BALZAN apud PIMENTEL, 1993, p. 14), que me levam a outras inquietações: pode ser generalizável? pode haver um processo único? um padrão para ‘conduzir os alunos à reflexão desejada’? que ferramentas o professor pode utilizar para incentivar, ou até mesmo iniciar, o processo de ‘ensinar a pensar’? A resposta (que não é universal e estática) pode estar relacionada a “uma compreensão de docência que extrapola a dimensão da racionalidade técnica. Incluem capacidades complexas e amplas, envolvendo diferentes perspectivas intelectuais, afetivas, morais e culturais” (CUNHA, 2006, p. 263).

Mostrar ao aluno que o processo reflexivo transforma (para melhor) as ações de tomada de decisão, o pensamento rápido e criativo - economia e sociedade mutante -, a resolução de problemas, causando uma mudança positiva em uma sociedade desumana. O professor deve ser sensível – sensível em perceber que o aluno está em uma situação

desfavorável para aprender e sensível em entender que ele (o professor) deve ser dinâmico no seu ensinar. A interação entre professor e aluno é uma “construção cotidiana de vínculos (...), uma relação humana que fortalece a importância da participação responsável dos alunos” como corroboram Stivanin et. al. (2010, p. 7). Porque “a educação é uma forma de intervenção no mundo – que não é neutra, nem indiferente” (FREIRE, 2011).

O professor deve ser capaz de organizar suas próprias ideias, ser reflexivo. O docente promove questionamentos mas deve questionar-se e si próprio também, “os sujeitos professores só alteram suas práticas quando são capazes de refletir sobre si e sobre sua formação” conforme escreve Cunha (2006, p. 259). Talvez uma das saídas para esta situação está no que foi relatado por Pimentel em sua pesquisa: “Os alunos valorizam ainda professores que estabelecem relacionamentos onde o formal e o informal, a firmeza e a tolerância, a autoridade e a liberdade não se apresentam com aspectos mutuamente excludentes (...)” (p. 18). No final, o que eu espero é poder ver entrar na sala um aluno, que ao final do curso, sairá pela porta, transformado – vendo o mundo com maior amplitude, com sede de proposições – e um desejo profundo de que, com o tempo, esta minha esperança não se apague no quadro da sala de aula.

Referências

- CUNHA, Maria Isabel da. Docência na universidade, cultura e avaliação institucional: saberes silenciados em questão. **Revista Brasileira da Educação**, v. 11, n. 32, maio/ago. 2006.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- PIMENTEL, Maria da Glória. **O professor em construção**. Campinas, SP: Papirus, 1993.
- SANTOS, Sílvia Maria Barreto dos. Docência universitária na era da imprevisibilidade: dilemas e possibilidades. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO – XV ENDIPE, 2010, Belo Horizonte. **Anais ...** Belo Horizonte, 2010.
- STIVANIN, Neridiana et al. Professores universitários iniciantes: desafios para a docência. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO – XV ENDIPE, 2010, Belo Horizonte. **Anais ...** Belo Horizonte, 2010.
- VITÓRIA, Maria Inês Côrte. **Notas de aula: Disciplina Metodologia do Ensino Superior**. PPGE, 2015.

Ensaio

Cristina Pio de Almeida

A educação escolar e superior está em um processo de profunda transformação onde o educador e educando precisam se modificar juntos. A “Era Digital” a qual nos encontramos, é algo novo e que a maioria dos educadores não teve acesso ao longo de sua construção profissional. Isso gera um distanciamento que pode não ser positivo para a relação de aprendizagem. Segundo Cardoso (2009), *devemos estar abertos a refletir a nossa prática, repensar o nosso modelo de prática pedagógica, para que a educação possa fazer-se obra transformadora e criadora*. Neste período, onde o acesso às informações se dá de forma quase que ilimitada, o professor precisa se adaptar e provocar no aluno uma necessidade de busca por profundidade nos assuntos, com informações de qualidade e não apenas a quantidade.

Provocar no aluno a busca por profundidade em qualquer conteúdo gera a construção de um pensamento mais crítico, de acordo com o texto de Paulo Freire (1996), em sua obra *Pedagogia da Autonomia: para que possamos verdadeiramente ser aprendizes, devemos exercer criticamente a capacidade de aprender. Ser aprendiz na concepção freiriana é se construir e desenvolver a curiosidade epistemológica, o papel do verdadeiro educador é reforçar a capacidade crítica do educando, para tanto, é imprescindível que o mesmo tenha a pesquisa como base metodológica de desenvolvimento do seu trabalho*.

Mesmo com tantas tecnologias, mudanças políticas e comportamentais que vem acontecendo nos últimos anos, na educação, o aluno espera que o professor seja capaz de orientá-lo com autoridade do saber. Autoridade no sentido de ter conhecimento na sua área com a capacidade de orientá-lo e dar as diretrizes para um caminhar assertivo na sua área. Por isso, é importante ter as aulas sempre bem preparadas e com profundidade nos assuntos da disciplina para passar esta segurança para os alunos.

Marc Prensky (2001) apresentou os termos “nativos digitais” e “imigrante digitais” separando os que nasceram na Era Digital dos que estão aprendendo a viver com a tecnologia. O autor exibe um olhar de intensa mudança quando escreve que: “educar essa nova geração é um desafio imenso, ainda mais para os professores e afirma que os professores precisam abandonar a sua velha aula expositiva e deixar que os alunos aprendam sozinhos”. Esta mudança de estratégia, sugerida pelo autor, deve acontecer de forma gradual para que os alunos se adaptem a uma nova forma de ensino. Pensando no ensino superior, as mudanças devem iniciar desde o primeiro nível e ir avançando ao longo do curso. A utilização do espaço virtual, que faz um elo entre o professor e o aluno, inicia o processo de transformações, pois neste ambiente virtual o aluno precisa buscar as informações que foram pré-selecionadas pelo professor.

O depoimento de algumas turmas, é que com o método de aula expositiva com auxílio do quadro-negro e do power point, os alunos afirmam sentir-se mais seguros e que esta é a melhor forma de aprender. Para outras turmas, fazer pesquisa orientada com discussão sobre o assunto em sala é uma estratégia de ensino que tem resultados positivos. Segundo Dubet (1997), existe um tipo de sabedoria professoral relacionada aos métodos de ensino utilizados, onde alguns professores adotam métodos tradicionais que funcionam muito bem e outros adotam métodos ativos que funcionam. E existem aqueles professores que se obrigam a aplicar métodos que não são seus e não dá certo (DUBET, 1997). Cada professor precisa identificar a sua melhor forma de ensinar, além disso, deve conseguir avaliar e adaptar o processo de aprendizagem de cada turma de alunos.

Contribuindo para uma boa resposta de aprendizagem, a motivação é fundamental. Relacionar a disciplina com o curso, bem como demonstrar a sua importância perante a sociedade e o mundo, pode desencadear um maior interesse pela busca do conhecimento estimulando a autonomia do aluno.

Além disso, conquistar a sua própria identidade como mediador do conhecimento e familiarizar-se com algumas metodologias é fundamental para o professor sentir se tranquilo em sala de aula, o que auxilia bastante para que a aula aconteça de forma leve e com o retorno positivo dos alunos. O professor também precisa buscar elementos de inovação que facilitem e aprimorem a relação ensino/aprendizagem para fazer a sua diferença de atuação.

Finalmente, O processo de tornar-se professor é uma constante construção, visto que as gerações de alunos estão sempre mudando e nos apresentando novas formas de ensino e de aprendizagem. Portanto, como educadores, precisamos estar sempre atentos a todas as situações em sala de aula para identificar o perfil dos alunos e captar as necessidades que cada turma.

Como serei ... Como me visualizo como professor de graduação ...

Thales Rabelo Metre

Tenho ótimas lembranças tanto da graduação em Ciências Militares (2003-2006), na Academia Militar das Agulhas Negras, quanto da de Educação Física (2009-presencial).

As escolas de ensino militares têm a característica de o professor estar formando o seu futuro companheiro. O que lhes garantem uma profunda entrega à docência.

Já tive a oportunidade de regressar à minha origem e lecionar na Academia Militar das Agulhas Negras (2010-2011), quando alimentei internamente um sentimento de muita gratidão à casa e enxerguei nos discentes, o futuro da nação. Tal sentimento me motivou a fazer o melhor trabalho possível àquela época. Sabedor de minhas limitações, procurei garantir ao aluno que estivesse bem preparado para enfrentar a vida real, pós-formatura.

Cursando agora o Mestrado em Engenharia Elétrica, curso difícil e talvez surpreendente ou extravagante para alguém com minha graduação, acredito estar amadurecendo. O acúmulo de cada minuto num banco escolar, cada frase apreendida dos Professores corrobora para uma estrutura mais sólida ao ensinar futuramente. A dinâmica do mundo moderno está aumentando exponencialmente, a informação nos circunda a todo momento e poderá deixar para trás os que não a possuem.

A multidisciplinaridade é algo interessante. Alguns, erradamente, a classificam como parte da modernidade do ensino. Esquecem-se de quão multidisciplinar foram os grandes sábios pré e pós Platônicos. O conhecimento é interligado e ninguém faz nada sozinho. Humanos e máquinas quebrando as barreiras geográficas e tornando pequeno o nosso vasto Planeta. Tentarei me tornar um disseminador dessa vastidão. Encorajarei abertura de mentes, ausência de pré-conceitos, respeito a tudo e a todos. Se possível, que meus alunos enxerguem em cada acontecimento de sua jornada na vida, momento de aprender.

Independentemente se meus próximos alunos serão militares ou civis, acredito eu que poderei prepará-los para que se preparem. Ajudá-los-ei a encontrar seus caminhos, suas próprias repostas para suas auto indagações. Que eles possam ter no Professor Thales Rabelo Metre uma mente para conversar sobre qualquer assunto, ou uma fala para ouvir e mentalizar.

Que professor estou me tornando...

Sérgio Augusto da Costa Gillet

Antes de começar a discorrer sobre que professor estou a me tornar acho importante dizer que aluno eu sempre fui, afinal, ninguém começa como professor, mas como aluno. E aluno desde quando se entra numa escola, ainda que com apenas dois anos, como foi o meu caso no maternal.

Daí fui aprendendo as cores, as letras, os números... Pelas cores aprendi que sou daltônico, e agora explico que meu daltonismo é fraco e que confundo tons. Pelas letras aprendi a adorar ler prosa e poesia. Já pelos números, aprendi que a matemática é linda, mas também não faz sentido (Ah se alguém de Exatas lê isso...).

E, com a passagem das séries, então o conhecimento que me era passado ficava cada vez mais compartimentalizado: ciências virou física, química e biologia; geografia e história foram separados; inglês passou a ser ensinado além de português, que passou a ser acompanhado de redação e literatura; e surgiram filosofia e sociologia... Só a matemática ficou intacta. Assim como educação artística, minha matéria predileta apesar do meu daltonismo. Já educação física nunca dei muita bola.

Pelas minhas preferências do ensino fundamental e médio, resolvi por ser aluno de direito. Envolve todas as matérias sociais e de humanas que vinha tendo, mas agora me voltaria apenas às normas, objeto último deste campo do saber. Novamente o ensino ficou compartimentalizado porque são várias as áreas do direito. Todavia, todas acabam sendo discutidas nos tribunais em processos judiciais, e acabou sendo pela área que regula isso, o direito processual, que nutri predileção.

Mas aprender direito processual nunca me bastou. Também gosto de mostrar como eu conheço a matéria, mas não para me gabar, e sim para partilhar esse conhecimento com aqueles que não conseguem entender dada a abstração da área. E assim, acredito, nasceu a fagulha do professor em mim: repassar o conhecimento, formar seres que compreendam o direito processual em razão da necessidade de sempre se utilizar dele.

Além do ego, pois seria hipocrisia dizer que não alimentaria o meu, fazer um curso de mestrado seria o ideal para me tornar professor habilitado. Para tanto, cheguei até me mudar de Estado, vindo de Belém do Pará para Porto Alegre para ter uma formação aprofundada de professor de direito processual em razão da área de concentração nesse sentido na PUCRS.

Portanto, fazer esta disciplina mais estágio em docência durante o curso seria a coroação. Mas sei que é necessário mais que isso para ser um verdadeiro professor. E foi isso que o estágio em docência me ensinou.

Mal fui aprovado na seleção do mestrado e logo a minha futura orientadora me convidou para fazer estágio em docência nas suas turmas de graduação. O desafio estava lançado e o assumi, e ainda que a matéria fosse da área do direito processual, trata-se de uma subárea que não sou muito afeto, que é o direito processual do trabalho. Assim, mostrou-se como a oportunidade tanto de aprender essa subárea quanto de viver o magistério de modo desafiador. Era aluno e professor ao mesmo tempo.

Acompanhei a professora nas aulas, intervi quando necessário para complementar durante suas exposições de aula, montei instrumentos de exercício e de avaliação que eram aprovados pela professora, lidei e auxiliei os alunos em suas dúvidas, culminando com a aula teste. Apesar de ter me saído bem e ter recebido *feedback* positivo tanto da professora quanto dos alunos seja em relação à aula teste, seja ao exercício do estágio, ainda não me sinto um professor completo.

Essa constatação será, portanto, o grande desafio durante o meu curso e os próximos estágios em docência que tentarei vencer, tornando-me um professor que pode até não ser completo, mas que sempre tentará chegar lá. Assim, talvez me falte mais segurança de mim, talvez me falte ter mais experiências como professor, mas uma coisa é certa: quero tornar-me professor.

A construção da professoralidade: caminhos e trajetórias

Gabriela Dutra Cristiano

Não nascemos professores/as e nem nos tornamos professor em determinado momento da vida, através da aquisição de um diploma ou certificado, ou através de certa inserção no mercado de trabalho com um cargo nesta atividade. Tornar-se professor/a é um processo em constante devir, envolvendo conhecimentos adquiridos antes da formação universitária, referências do que é e o que não é para si um/a bom/boa professor/a, conhecimentos técnicos, teóricos, valores, concepções, porturas éticas e tantos outros que constituem a personalidade do sujeito como um todo.

Por isso, diante das aprendizagens construídas neste caminho de construção da minha professoralidade, busco neste ensaio problematizar e refletir sobre que professora imagino que estou me tornando, que professora imagino que irem me tornar e quais as diferenças que desejo fazer enquanto educadora. Minha primeira referência de professora foi minha mãe, que atuou durante muitos anos como professora de educação artística e, mais do que isso, foi uma grande educadora dentro de minha casa, construindo em mim o amor pela aprendizagem, pelo conhecimento, pela leitura e por ensinar.

Entre modelos heróicos ou anti-heroicos, no decorrer de minha trajetória fui construindo muitas referências em relação a que professora gostaria de ser. Minha primeira experiência concreta foi como auxiliar de professora da pré-escola, em uma turma de crianças de 04 e 05 anos, quando eu tinha apenas 14 anos. Ali o desejo de ensinar/aprender já estava claramente consciente, mas foi no decorrer da graduação no Serviço Social que o sentido de ensinar, isto é, o significado simbólico que move o meu desejo de ensinar se apresentou enquanto um compromisso ético-político.

Como nos ensina Freire (2015, p. 19), “Não podemos nos assumir como sujeitos da procura, da decisão, da ruptura, da opção, como sujeitos históricos, transformadores, a não ser assumindo-nos como sujeitos éticos”. Assumir-me enquanto sujeito ético é, sobretudo, assumir-me enquanto responsável pelas escolhas que faço, entendendo que estas escolhas produzem efeitos concretos na realidade, podendo ser transformadoras ou mantenedoras do *status quo*; podendo ser opressoras de classe, gênero, raça, etnia, etc., ou ser construtoras de possibilidades de libertação dos sujeitos, seja de amarras concretas ou subjetivas.

No Serviço Social muito se discute se os/as professores/as em matéria da profissão são “assistentes sociais professores” ou “professores assistentes sociais”. Isso porque a atividade de ensinar, assim como a atividade de assistentes sociais em diferentes campos de atuação, também tem como objetivo intervir na realidade e provocar

alguma transformação. Entretanto, assistentes sociais que atuam como professores tem como “objeto de intervenção” a aprendizagem e os múltiplos elementos que esta envolve.

Estas observações são relevantes para assinalar que, sabendo que a ensinagem não é neutra, estou contruindo minha professoralidade em interface com os valores éticos da minha profissão. Ou seja, buscando atuar no ensino universitário – e outros espaços de formação da profissão - fundamentada em valores éticos como, segundo Barroco (2012), a defesa intransigente dos direitos humanos, a ampliação da liberdade, o posicionamento contra todas formas de opressão, exploração e preconceitos, defesa do aprofundamento da democracia, posicionamento em favor da equidade e da justiça social.

Nas experiências que tive, como o estágio docente, e nas que estou tendo em espaços de formação continuada de assistentes sociais, estou apreendendo a construir processos de ensino e aprendizagem que tenham estes valores como horizonte. Isto é, se defendo o aprofundamento da democracia, seria contraditório estabelecer relações autoritárias com as/os estudantes. Se posiciono-me contra toda forma de opressão, discriminação, etc., preciso primeiro reconhecer-me enquanto sujeito ético-moral que possui preconceitos e poder discutir isso com as/os estudantes para refletir sobre como isso se manifesta no exercício profissional de assistentes sociais. Ou seja, como nos lembra Paulo Freire, “ensinar exige a corporificação da palavra pelo exemplo” (2015, p. 35).

Nesta perspectiva, não é possível pensar em modelos de transferência de conhecimento como na educação bancária. Ensinar, neste sentido, “não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, 2015, p. 47), tendo como objetivo a formação de sujeitos éticamente conscientes, críticos, curiosos e responsáveis.

Isso é bastante desafiador pois a moral individual dos/as estudantes “[...] é parte de uma educação moral anterior a formação profissional, que inclusive a influencia, pois pertence ao processo de socialização primária, onde tende a reproduzir tendências morais dominantes”. (BARROCO, 2013, p. 13). Assim, reconheço a necessidade de respeitarmos as diferenças, a bagagem sócio-culturais dos/as estudantes, reconhecer seus saberes e partir destes para, dialógicamente, tentar criar as condições necessárias para instaurar processos de aprendizagem que questionam a ordem dominante e as tendências morais conservadoras em jogo no cenário contemporâneo.

Neste sentido, desejo ser uma professora que atue na formação

[...] não só de um profissional, mas de um sujeito social que terá na graduação a possibilidade de rever seus valores e práticas, suas posturas na relação com o outro, mas sobretudo superar, dentre outras questões, entendimento formulado no senso comum do Serviço Social, da sociedade, do papel do Estado, das necessidades sociais e dos interesses dos indivíduos. (SOUSA, SANTOS, CARDOSO, 2013, p. 49)

Sabendo que “o ensino dos conteúdos não pode dar-se alheio a formação moral do educando” (FREIRE, 2015, p. 34-35) e nem a minha própria moral, desejo fazer a diferença na vida desses sujeitos como professores/as fizeram na minha: ensinando conteúdos de forma que procasse sentido em mim e na minha vida, transformando minha forma de ser e estar no mundo. Desejo contribuir para a formação integral de sujeitos que superem a consciencia ingenua para a consciencia crítica, que busquem fundamentos para seus atos, que reflitam sobre sua moral e a moral socialmente vigente, que não aceitem discursos prontos, e que consigam materializar valores éticos emancipatórios em seus cotidianos de trabalho como assistentes sociais ou futuros assistentes sociais.

Referências

- BARROCO, Maria Lucia. Materialidade e potencialidades do Código de Ética dos Assistentes Sociais brasileiros. In: BARROCO, Maria Lucia; TERRA, Sylvia Helena. **Código de ética do/a assistente social comentado**. São Paulo: Cortez, 2012. p. 31-119.
- BARROCO, Maria Lúcia. **Fundamentos éticos do Serviço Social**. Disponível em: <http://www.prof.joaoantas.nom.br/materialdidatico/material/3__Fundamentos_eticos_do_Servico_Social_.pdf>. Acesso em: 03 fev. 2013.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Ed. Paz e Terra, RJ/SP, 2015.
- SOUSA, Adrianyce A. Silva de; SANTOS, Silvana Mara Morais dos; CARDOSO, Priscila. Ética e Serviço Social: Um itinerante caminhar. **Temporalis**, Brasília, ano 13, n. 25, p. 33-61, jan./jun. 2013.

O que é ser Professora

Lorena Evelyn

A Origem da palavra Professor vem do latim *professore*, “aquele que faz declaração, manifestação”. Para ser professor, é necessário além de ensinar, saber aprender, conviver, ter empatia, paciência, respeitar e amar o próximo. É um compromisso de toda uma vida. Ser professor, é uma missão diária, e mesmo em um mundo de tantas inovações tecnológicas, este continua e continuará sempre sendo referência de aprendizagem, ensino, busca e dedicação em todo mundo.

O Professor em um país desenvolvido, como por exemplo nos Estados Unidos, possuem melhores condições de trabalho e valorização pelos governantes, além disso, nesses países procura-se universalizar e democratizar a educação pelo aumento de vagas acompanhada com qualidade de ensino público.

Já no Brasil, a quantidade de vagas nas escolas públicas é melhor que termos qualidade de ensino. Em outras palavras, facilitou-se o acesso das camadas menos favorecidas à educação, mas os investimentos não foram elevados na mesma proporção. Aqui o salário dos professores é menor que em muitos países. Além disso, o professor não é valorizado, por mais que sua função possa alterar, corrigir, inibir, encorajar, instigar todos seus alunos, e isso pode modificar o percurso do futuro da nação. Como disse Paulo Freire “Se a educação sozinha não pode transformar a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”

Quando penso em ser professora, penso que desde pequena gostava de brincar de dar aula para os meus coleguinhas. Ser professora, é um desafio que me atrai desde criança. Eu imagino que serei uma professora altamente acessível, amável, criteriosa, detalhista, auxiliando sempre todos os alunos que necessitarem. Eu imagino que reproduzirei amor pela minha profissão para que eles também possam acreditar e amar a profissão que estão se formando.

O professor sempre deve produzir amor e dedicação para a carreira que escolheu, para que os futuros profissionais possam ser influenciados, assim, teremos melhores profissionais no mercado de trabalho, com conhecimento amplo, amor e dedicação para a área que escolheu. Quero ser uma professora envolvida com pesquisa, ensino e extensão, pois acredito que a aprendizagem não se dá somente na sala de aula. Os alunos precisam acessar outros meios de conhecimento para que a formação seja mais ampla e mais sólida.

Enfim, quero ser uma professora que possa despertar a curiosidade, autonomia e motivação em meus futuros alunos, para que eles possam consolidar, recriar e ser mais críticos em relação às informações passadas em salas de

aula, de uma forma que sempre eu possa contribuir para o crescimento do profissional do graduando. Pois, como disse Freire “Sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino”.

Acredito que o desafio será grande, mas no fim tudo terá valido a pena. Ser Professor é minha escolha e não a única opção que possuo. Sei que ensinar é uma arte, e não se associa com comodismo e falta de amor. Logo, pretendo com amor me dedicar a essa profissão, que representa uma mudança na vida de alunos e isso pode repercutir por décadas, anos ou talvez por toda a vida deste.

O professor nunca saberá até onde sua influência pode chegar. Mas, uma coisa eu sei, o professor possui o dom de transformar “vidas”. Pois, percebo que a minha vida foi modificada por meio da ação de um profissional com amor e dedicação. Por fim, ser professor é escolha de poucos, mas eu escolho ser uma PROFESSORA.